

Educação, Saúde e Cuidado

Introdução por Elizeu Clementino de Souza e Christine Delory-Momberger (editores)

A emergência de discussões nos campos da Educação e da Saúde inscreve-se em diferentes domínios e perspectivas de ações, marcadas por princípios de objetividade técnica e disposições de subjetividades interrelacionais. Noções conceituais de cuidado e saúde, na vertente da educação e da humanização em saúde, dialogam e intercomplementam-se, ao centrar-se, inicialmente, em conhecimentos técnicos e instrumentais da medicina tecnológica, mas também dos modos como profissionais de saúde e pacientes vivem experiências cotidianas com processos de acompanhamento, cuidado e cura.

Na Saúde Coletiva, conforme sistematizam Anéas e Ayres (2011), as discussões sobre saúde e cuidado têm mobilizado posições e enfoques, às vezes antagônicos, na medida em que uma primeira noção de cuidado esteja voltada para conhecimentos científicos e sob a responsabilidade do ato médico ou de outros profissionais de saúde e uma segunda vertente que volta-se para modos próprios como os sujeitos, em processo de adoecimento, aprendem e narram sobre suas experiências.

Compreender lugares assumidos historicamente de medidas terapêuticas e de discursos médicos, no que se refere às tecnologias aplicadas à saúde, é fundamental, para uma primeira apropriação do conceito de cuidado em saúde. Implica, assim, demarcar ações da medicina e suas tecnologias para a garantia da vida, da saúde e também da qualidade de vida das pessoas, em articulação relacional entre atos médicos e de profissionais de saúde com o sujeito em condição de cuidado e acompanhamento.

A dimensão relacional que se instaura entre médicos e pacientes, exige, para além da escuta atenta, atenção do sujeito que vive e narra sobre o adoecimento. As relações objetivas e subjetivas, dialeticamente, demarcam novos modos de atuação dos profissionais de saúde e instaura-se num movimento que tem sua gênese com a medicina narrativa (Charon, 2015; Frank, 1995), implicando em mudanças culturais da doença, em outras disposições relacionais entre médicos, profissionais de saúde, cuidadores e a própria pessoa com sua história de adoecimento. A doença, especialmente a doença crônica, demarca mudanças significativas no curso da vida da pessoa, muito em função da forma como cada um constrói, individual e socialmente, aprendizagens experienciais com a doença, como narra sua própria vida, suas feridas (Frank, 1995), superações, vitimizações e preconceitos impostos aos processos de adoecimento e de enfermidade.

Este é o princípio que mobiliza as reflexões que apresentamos no Número Temático *'Educação, Saúde e Cuidado'*, com o objetivo de socializar estudos na interface entre educação e saúde, ao adotar a noção de cuidado como potencializador

dos processos de aprendizagens relacionadas ao adoecimento e de narrativas biográficas de pessoas com doenças crônicas (Souza, 2016). A publicação do número temático vincula-se a uma rede de pesquisa que tem se dedicado ao estudo de narrativas de pessoas que vivem com doenças crônicas (Delory-Momberger & Tourette-Turgis, 2014; Souza, 2014), através de parcerias entre o Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO), da Universidade do Estado da Bahia, o Laboratório – Centre Interuniversitaire de Recherche EXPERICE, como ação da linha de pesquisa “Le sujet dans la Cité: éducation, individuation, biographisation”, da Université Paris 13 – Sorbonne Paris Cité, a Université des Patients – Université Pierre et Marie Curie (UPMC) – Sorbonne Universités, o Colégio Internacional de Pesquisa Biográfica (CIRBE) e a Associação le Sujet dans la Cité-Paris, França.

Os textos que compõem o presente número partem de conceitos da pesquisa biográfica (Delory-Momberger, 2010), ao utilizarem uma diversidade de fontes – orais, escritas, imagéticas, publicações sobre doenças crônicas e manuais de civildade – atestando análises singulares sobre ações de cuidado, através de processos de biografização vividos e experienciados pelos sujeitos, quando narram sobre suas histórias com a doença e o adoecimento.

A pesquisa biográfica em educação e seus diálogos interdisciplinares instauram-se e inscrevem-se através de partilhas teóricas com a medicina narrativa, a sociologia do indivíduo, a sociologia clínica, a psicossociologia, a psicologia narrativa, na interface entre processos individuais e sociais, marcados pelas aprendizagens biográficas.

Colocar-se no lugar de escuta é condição fundamental para pesquisadores que se aventuram e desenvolvem estudos nos domínios da pesquisa (auto)biográfica, ao buscarem compreender como cada sujeito, na condição de ator-autor narrador de sua própria história, vai significando suas experiências de forma narrativa. Viver e aprender com a doença é um desafio que demarca outros conhecimentos sobre a doença, sobre a humanização da saúde, relações de cuidado, por possibilitar acessar histórias individuais e coletivas sobre experiências com a doença, impactos na vida do sujeito e contribuições para novas ações de saúde e de cuidado frente ao adoecimento.

Os textos aqui apresentados discutem dimensões metodológicas no campo das narrativas de pacientes com doenças crônicas (esclerose, câncer, AIDS, doenças mentais, rinite alérgica, entre outras), implicando reflexões que partem das experiências biográficas com o adoecimento, mas, também, análises sobre políticas públicas de saúde, formação dos profissionais de saúde e ações de cuidado em saúde (Honoré, 2013). Contribui, assim, para ampliar discussões entre narrativas, educação, saúde e cuidado, em diálogo com princípios da educação terapêutica do paciente, de ações interdisciplinares no campo da saúde, do trabalho dos profissionais de saúde e de narrativas de pacientes sobre suas histórias e experiências com o adoecimento e a cronicidade.

O texto *Processus de Subjectivation dans la Maladie Chronique et Soin de Soi* [Processos de subjetivação face à doença crônica e cuidado de si], de Christine Delory-Momberger, discute questões relacionadas à doença como uma dimensão objetiva e subjetiva, em diálogo com processos biográficos, através de traduções e transações construídas pelo sujeito – pacientes com rinite alérgica – para viver e aprender com a doença, implicando em modos diversos de estar e colocar-se no mundo.



Catherine Tourette-Turgis e Lennize Pereira-Paulo, no texto *Être Malade Chronique : Exercer un Métier au Service du Maintien de Soi en Vie et Transformer son Expérience en Expertise* [Ser doente crônico: o exercício de um ofício ao serviço da autopreservação da vida e da saúde], sistematizam experiências desenvolvidas na Universidade de Pacientes – Universidade de Sorbonne, a partir da construção de uma nova abordagem em educação do paciente, ao analisarem, com base em noções da Educação Terapêutica do Paciente (ETP), atividades empreendidas pelos pacientes ao serviço da autopreservação da vida e da saúde, como um fértil e fecundo trabalho produtivo e contributivo para as aprendizagens dos pacientes como ‘expertes’. A experiência formativa e colaborativa coordenada pelas autoras, ao configurar-se como dispositivo inovador – Universidade de Pacientes –, possibilita aos participantes com trajetórias terapêuticas de doenças crônicas, narrarem suas experiências sobre o adoecimento, aprenderem a viver com a doença e obterem diplomas universitários, como ações que beneficiam a melhoria do sistema de organização da saúde.

Outra discussão sobre doenças crônicas é apresentada por Elizeu Clementino de Souza no texto, *Imagens, Estigmas e Refiguração Identitária: o Dito e o Dizer sobre Doenças Crônicas*, ao partir de conceitos de imagens, estigmas e refiguração identitária relacionadas às pessoas que vivem com HIV/Aids. O autor analisa narrativas de colaboradores da Revista Saber Viver, publicadas na seção ‘Conte sua História’, com o objetivo de discutir modos como são forjados socialmente imagens e estigmas sobre o HIV/Aids, processos de produção, circulação e recepção da revista e disposições construídas pelos sujeitos, face ao processo de enfrentamento da estigmatização, a partir das narrativas autobiográficas publicadas na revista sobre a epidemia e a cronicidade da doença.

A temática sobre adoecimento docente é sistematizada no texto *A Experiência com o Adoecimento na Docência: Um Estudo com Professoras do Município de São Miguel das Matas, Bahia, Brasil*, escrito por Luzinete Oliveira Sales e Maria do Carmo Soares de Freitas. Ao analisarem experiências com o adoecimento de professoras do Ensino Fundamental e Médio, buscam compreender significados narrados por professoras sobre o processo de adoecimento relacionado ao exercício da docência, ao revelarem acometimentos relacionados à dor crônica, à voz do docente, às queixas psíquicas e às interferências dos problemas de saúde, implicando em sofrimento e prejuízos na vida pessoal e social das profissionais.

Em *“Espantar Vícios”: Prescrições para a Saúde Física e Moral em Manuais de Civilidade (Santa Catarina/Brasil – Década de 1950)*, Maria Teresa Santos Cunha toma como corpus de análise manuais de civilidade – “Da Arte de Ser Dona de Casa”, de Marta de Betânia N.D.S. (1951) e “O Livro de Etiqueta: Um Guia Para a Vida Elegante”, de Amy Vanderbilt (1958) –, utilizados em aulas do Curso Normal e que integram um acervo didático preservado pelo Laboratório de Patrimônio Cultural da Universidade do Estado de Santa Catarina. A análise empreendida incide sobre discursos civilizatórios que normatizaram aspectos da saúde física e moral ao longo da década de 1950, em contraponto com a perspectiva médica defendida já a partir da década de 1920, em Florianópolis/SC.

Naiara Ferreira, Christianni Cardoso Morais e Mônica Yumi Jinzenji, no texto *A Emergência do Campo Médico e a Construção do Ideal de Maternidade pelos Doutorandos da Faculdade de Medicina da Bahia/Brasil (1891-1922)*, discutem aspectos

relacionados ao processo sociohistórico de construção do ideal de maternidade na passagem do século XIX para o XX no Brasil, cotejando o saber médico em constituição no período. Configuram-se fontes de análise 39 teses defendidas pelos formandos da Faculdade de Medicina da Bahia no período, a Gazeta Médica da Bahia, órgão oficial de divulgação das publicações científicas da área, dados censitários e a legislação referente ao tema, demarcando indícios e relações do campo médico como apoiado no higienismo em detrimento da desqualificação e sobreposição de conhecimentos construídos pelos saberes tradicionais, valores e práticas familiares implicados com a saúde das novas gerações.

O texto *Olhares Cruzados sobre a Classe Hospitalar: Legislação Brasileira e Percepção da Criança Hospitalizada*, de autoria de Maria da Conceição Passeggi, Simone Maria da Rocha e Senadaht Baracho Rodrigues, apresenta reflexões sobre a classe hospitalar no Brasil, ao dialogar com disposições legais e sobre o direito à educação de crianças em tratamento oncológico. No campo da sociologia da infância e através de resultado de pesquisa, os autores demarcam a legitimidade da criança como sujeito de direitos, sujeito histórico e ativo no processo de tratamento, na produção da cultura e de seu meio social. Representações diversas contidas nos documentos legais e ancorados em princípios da pesquisa com narrativas de crianças hospitalizadas o estudo destaca que a classe hospitalar é apreendida como lugar de escolarização e de vínculo com o universo escolar, como um espaço de aprendizagens, como um lugar de cuidado, de conforto e de autonomia, que se contrapõe às restrições vividas no hospital impostas pelo tratamento de saúde.

Conceição Leal da Costa e Camila Aloisio Alves apresentam no último texto do número temático, intitulado *Cuidar e Aprender com as Crianças em Educação e Saúde – Narrativas e(m) Formação*, reflexões sobre narrativas biográficas e histórias de vida, no que se refere à docência e à formação de profissionais de Educação e de Saúde. Destacam as autoras, a importância da escuta das crianças, ao valorizarem uma ecologia dos saberes, implicando em aprendizagens e desenvolvimento pessoais e profissionais, marcadas em processos de interação nos domínios da educação, da saúde e do cuidado. O texto resulta de diálogos entre as pesquisadoras sobre ações de um projeto de cooperação internacional entre Portugal e França na vertente das narrativas biográficas como ações férteis para se pensar a formação para o cuidar.

O número temático busca contribuir com reflexões teóricas sobre educação e saúde, bem como apresentar resultados de pesquisas que se dedicam às narrativas e aprendizagens com a doença, sejam de crianças ou de adultos, na vertente da pesquisa biográfica em educação, da medicina narrativa e de ações de cuidado em saúde.

*Elizeu Clementino de Souza
Christine Delory-Momberger*



REFERÊNCIAS

- ANÉAS, T. V., & AYRES, J. R. C. M. (2011). Significados e sentidos das práticas de saúde: a ontologia fundamental e a reconstrução do cuidado em saúde. *Interface – Comunicação, saúde e educação*, 15(38), 651-62.
- CHARON, R. (2015). *Médecine narrative. Rendre hommage aux histoires de malades*. Oxford: Oxford University Press.
- DELORY-MOMBERGER, C. (2010). *La condition biographique. Essai sur le récit de soi dans la modernité avancée*. Paris : Téraèdre.
- DELORY-MOMBERGER, C., & TOURETTE-TURGIS, C. (2014). Vivre avec la maladie : expériences, épreuves, résistances. *Le sujet dans la cité – Revue Internationale de Recherche Biographique*, 5, 134-38.
- FRANK, A. W. (1995). *The Wounded Storyteller: body, illness and ethics*. Chicago: University of Chicago Press.
- HONORE, B. (2013). *Soigner, former, se former – cultiver ensemble les possibilités de la vie*. Paris : Seli Arslam.
- SOUZA, E. C. (2014). “Savoir vivre” avec la maladie : apprentissages biographiques et récits de résistances. *Le sujet dans la cité – Revue Internationale de Recherche Biographique*, 5, 138-148.
- SOUZA, E. C. (2016). Existir para resistir: (auto)biografia, narrativas e aprendizagens com a doença. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*, 25(46), 59-74.

*

Received: June 18, 2018

Accepted: June 22, 2018

Final version received: June 25, 2018

Published online: June 30, 2018

